FREDERICO BARBOSA E A PALAVRA – IMPACTO

Ellen dos Santos Oliveira (UFS)[1]

Resumo: Esse trabalho é uma análise literária crítica da obra poética do poeta contemporâneo pernambucano / paulista Frederico Barbosa, tomando como corpus literário poemas reunidos na obra *Na lata* (2013). O objetivo principal foi: buscar compreender as explosões de múltiplos sentidos causados pela palavra-impacto mirada no leitor, como um jogo de escritura e leitura do próprio (re) fazer poético e na ausência ou negação de um sentido original e único centrada na concepção do autor; e como tais poemas, cujas palavras são ditas "na lata", contribuem para a inferência do leitor e sua formação crítica. A metodologia utilizada foi o exercício da crítica por meio da análise literária. Essa, além da fazer uma recepção crítica sobra o obra do poeta Frederico Barbosa – a partir de Busato (2013) e Daniel (2013a, 2013b, 2013c, 2013d), – a análise partiu dos fundamentos teóricos acerca do texto poético – partindo de D'Onofrio (2007), Hune (2007), Jokobson (2007), Paz (1982), Pound (1976) e Teles (2004) – e do leitor – tais como Eco (1976 e, 2005), Jaus (2002) –, entre outros. Pretende-se com essa análise contribuir com a Literatura brasileira contemporânea, principalmente no que diz respeito à recepção crítica e ao estudo da obra do poeta Frederico Barbosa.

Palavras-chave: Literatura brasileira contemporânea. poema. Frederico Barbosa. Na lata (2013).

Abstract: *This work is a critical literary analysis of the poetic work of the contemporary poet from Pernambuco / São Paulo Frederico Barbosa, using poems gathered in the work Na lata (2013) as a literary corpus. The main objective was: to seek to understand the explosions of multiple senses caused by the impact word aimed at the reader, as a game of writing and reading of the poetic (re) doing itself and in the absence or negation of an original and unique meaning centered on the conception of the author; and how such poems, whose words are said "in the can", contribute to the reader's inference and critical formation. The methodology used was the exercise of criticism through literary analysis. This, in addition to making a critical reception about the work of the poet Frederico Barbosa - from Busato (2013) and Daniel (2013a, 2013b, 2013c, 2013d), - the analysis started from the theoretical foundations about the poetic text - starting from D 'Onofrio (2007), Hune (2007), Jokobson (2007), Paz (1982), Pound (1976) and Teles (2004) - and the reader - such as Eco (1976 and, 2005), Jaus (2002) -, between others. This analysis intends to contribute to contemporary Brazilian Literature, mainly with regard to critical reception and the study of the work of the poet Frederico Barbosa.*

Keywords: *Contemporary Brazilian literature. poem. Frederico Barbosa. In the can (2013).*

sentimento:

forma que

reforma

dentro
(Frederico Barbosa., 2013)

[1] Doutora em Letras pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). E-mail: aprofaellen8@gmail.com

1. Introdução

Nos tempos atuais em que as formas poéticas são postas em xeque por críticos e teóricos que questionam e refletem sobre o futuro da poesia e buscam ir além do presente, contudo, refletindo sobre a produção poética atual, percebe-se um engenho em transpor o passado da história da poesia. Nesse momento decisivo da poética contemporânea, o poeta Frederico Barbosa revela e segreda questionamentos e intersecções em torno do poema e, principalmente, da criação literária brasileira contemporânea, corporificados na sua obra poética impactante.

É no entre lugar da dúvida e da perplexidade que a poesia de Frederico emerge e encontra seu lugar de representação e inquietação, de afirmação e de negação, de transbordamento e esvaziamento. Um lugar que cabe tudo e nada ao mesmo tempo: a lata do poeta, ou citando literalmente Gilberto Gil: "Na lata do poeta tudonada cabe (Gil apud Barbosa, 2013-a, p. 25)".

Na Lata (2013-a), de Frederico Barbosa, cabe tudo e nada. Ou seja, cabe toda uma poética que traz consigo a herança do concretismo de Harold Campos, do modernismo de João Cabral de Melo Neto e Mário de Sá Carneiro, da ludicidade barroca de Gregório de Matos Guerra, da musicalidade de Cruz e Souza, do gosto pela ironia e paródia de Oswald de Andrade, e a criatividade visual dos grafites e de anúncios publicitários. Ao ser questionado em entrevista, concebida a Linaldo Guedes em 2013a, sobre quais influências o poeta incorpora em sua escrita poética, ele respondeu na lata: "Todas! Nada se cria, tudo se transforma. Só os ingênuos ou mal intencionados acreditam que criaram algo de novo na contemporaneidade" (Barbosa In. Guedes, 2013 a).

Todas essas influências – não só literária como também da música, das artes plásticas, das artes visuais – que são jogadas na lata do poeta, e somadas a efeitos sonoros e visuais, misturam-se e se combinam, através de um árduo trabalho semântico que contribuem para prender e surpreender o leitor. Este tem seus sentidos sensoriais aguçados e seu intelecto estimulado a partir da leitura do poema que nada mais é que fruto de um trabalho inteligível, e ao mesmo tempo sensível, de tudo aquilo que foi jogado na lata do poeta.

Em entrevista concebida à Band News TV, em seis de junho de 2013, no mesmo dia em que fez o lançamento de seu livro na "Casa das Rosas", em São Paulo, o poeta explica que o motivo de seu livro ser intitulado "na lata" se explica por duas razões: primeiro, por se tratar de uma obra em que ele reuni toda sua produção literária publicada não só em livros, mas também

em blog, na internet, e, inclusive, alguns inéditos que ele jogou tudo *Na Lata* criando um novo livro, com uma nova organização e até um novo sentido, e por isso, inédito; e segundo, porque na lata significa alguma coisa que é dita "na lata", de impacto. Nessa entrevista o poeta ainda admite que a sua forma de escrever mudou, como tudo que é mutável com o tempo, e hoje escreve de forma a atingir mais o leitor, ou seja, voltado mais para a recepção daquele que lê e recebe o impacto de suas palavras. É assim que o poeta define não só seus poemas, mas todos. Pois, para ele a poesia é uma palavra de impacto, ou seja, ela deve ser capaz de causar impacto no leitor. Uma vez que, como ele mesmo explica, "o poema é um objeto produzido pelo poeta de maneira meticulosa, detalhada, para causar no leitor uma forte impressão" (Barbosa In. Band News TV, 2015).

Nesse trabalho proponho uma reflexão sobre como os poemas de Frederico Barbosa, através da palavra-impacto, contribuem significativamente na formação do leitor crítico uma vez que a palavra poética é mirada nele. Quando escritos por esse viés, os poemas permitem uma reflexão sobre o próprio fazer poético, uma vez que, por meio de suas reflexões e materializações poéticas por meio da palavra empenhada, o poeta exerce a metalinguagem. Assim, a palavra poética mirada no leitor volta para o próprio eu poético, como um jogo dinâmico de leitura.

A reflexão proposta se baseia em poemas buscados "Na lata" de Frederico Barbosa, isto é, *Na lata*: poesia reunida (1978-2013), publicada pela editora Iluminuras. Nessa obra o poeta reuniu sua produção lírica em trinta e cinco anos que fora publicada em diversos livros ao longo de sua jornada: *Rarefato* (1990); *Nada feito nada* (1993); *Contracorrente* (2000); *Louco no oco sem beiras* (2001); *Cantar de amor entre os escombros* (2002); *Brasibraseiro* (2004), obra escrita em parceria com Antonio Risério. Assim sendo, esse trabalho se justifica pela importância de se pensar sobre a poesia contemporânea e sua recepção.

2. Frederico Barbosa e a palavra – impacto

É consenso a crença cultural de que as palavras têm o poder de impactar e dá origem há um mundo espiritual e material cheio de sentidos para os sujeitos humanos, tanto para quem as escrevem, o escritor, quanto para quem as leem, o leitor. Ou seja, trata-se de uma troca de experiência de mundos. Nessa perspectiva, o texto literário se configura como uma obra aberta e, nesse sentido, remete-nos a Humberto Eco (1976) que explica a obra aberta como uma experiência de mundo inacabado devido "a própria natureza das perspectivas a correlacionar,

pois cada uma delas remete continuamente através de seus horizontes e perspectivas" (Eco, 1976, p.59).

Mirando nessa linha de raciocínio, a palavra – impacto, em sua essência, e de algum modo, busca explicar uma origem de mundo, seja no seu sentido espiritual seja no sentido material. E como metáfora da criação faz-nos recordar a crença que, geralmente, é aceita e compartilhada pela humanidade, da palavra quase sempre relacionada à origem, ou seja: na perspectiva cristã, por exemplo, acredita-se que o mundo originou-se mediante a palavra de Deus, o verbo da vida que deu origem a toda a criação do universo; para os cientistas, o mundo surgiu através de uma grande explosão cósmica, o *big bang*. Cada um abraça para si a ideia de origem de mundo que traduza as suas crenças em busca de explicar a sua essência. No entanto, o mundo criado nos poemas de *Na lata* refleti um mundo próprio e particular do eu-lírico, como metáfora do criador, que sai de cena e entrega o seu universo lírico nas mãos do leitor.

Nos poemas de Frederico Barbosa, as palavras poéticas adquirem seu grau máximo de palavra-impacto e revela-nos que o poema pode ser o tudo que surge a partir do nada. Ou seja, a partir do seu velho mundo cheio de ausências o eu-lírico cria um universo cósmico poético carregado de sentido para o seu vazio existencial. (Re) criando mundo e mundos que explodem sentidos, muitas das vezes, contraditórios, justamente para refletir a contradição da natureza humana diante desse fazer poético e, até, divino quando assumi, mesmo que por imitação de Deus, o papel de criador. Vejamos abaixo, um poema que explica a palavra poética como explosão que surge a partir do velho caos, tal como a criação do universo pela perspectiva cristã relatado em Gênesis 1:

quando o mundo já era
pouco e velho
estreito feito sem e não
frio insosso e incolor
aqui sim
rio de risos
vem a festa dos sentidos
cor sol sexo calor
explode novo mundo
confrontos conflitos
contrastes com
sabor de muito
(Barbosa, 2013, p. 41)

Observa-se que o eu-lírico concebe a poesia como algo impactante, explosivo, capaz de criar um novo mundo que revele os confrontos e contrastes com o velho mundo. Permitindo ao leitor pensar e refletir sobre os próprios conflitos humano existenciais, ao fazer associações, e estabelecendo paralelos entre a palavra lançada e a inferência que o leitor pode fazer a partir de

suas memórias. Logo o "aqui sim" do eu – lírico pode entrar em confrontos e conflitos dependendo da interpretação que o leitor pode fazer da palavra poética, que foi mirada em sua direção, podendo ir além da visão de mundo do eu-lírico criador.

Nota-se, portanto, que, antes de abalar o outro, o próprio eu – lírico percebe e sente esse impacto e, talvez por isso, sentir para ele já não seja tão confortável, mas inquietante. É nesse desconforto que Frederico Barbosa cria sua própria forma de expressão lírica capaz de fazer "sentir, pensar e ser", a partir da crença de que a palavra poética é a palavra-impacto e, por isso, é uma construtora de efeitos. Pois se trata de "uma linguagem organizada da forma mais meticulosa possível para fazer sentir, pensar, ser. Ou seja: dizer "na lata", "sem papas na língua", e tentar acertar os alvos, as metas, mesmo que inatingíveis" (Barbosa, 2013, p.28). Esses possíveis alvos e metas inatingíveis, aos quais remete o poeta, pode ser a interpretação que ele supõe que o leitor venha criar a partir da palavra que lhe foi lançada.

A interpretação baseada na intenção do autor pode ser inatingível, pois há a intenção do texto que pode ir além do próprio autor, e a competência do leitor pode conduzi-lo a criar outros sentidos interpretativos para as palavras do eu-lírico do poema. Pois, tal como explica Humberto Eco (2005) o "ato da leitura é uma transação difícil entre a competência do leitor (o conhecimento de mundo do leitor) e o tipo de competência que um dado texto postula a fim de ser lido de forma econômica" (Eco, 2005, p. 80).

Mesmo diante dessa possibilidade, o poeta parece crê que o poema tem a capacidade de acertar até os mais "inatingíveis" leitores, e devido ao seu poder de impactar ela desperta no leitor o desejo de inferência. Dessa forma, o texto poético o torna capaz de fazê-lo participar como sujeito ativo da leitura do poema lido e, com isso, tirá-lo de sua zona de conforto, levando-o a vasculhar "na lata" do poeta os múltiplos sentidos da palavra – impacto.

Da lata de Frederico, as palavras explodem no mais amplo sentido: o positivo e o negativo; o construtivo e o desconstrutivo; o tudo e o nada. As estruturas linguísticas dos poemas são capazes de criar novos sentidos, seja no sentido que é sinônimo de significado, seja no sentido que quer dizer sensações. Os poemas possuem forças sensoriais e linguísticas capazes de gerar novas imagens de mundo, novos sons e novas expressões corpóreas poéticas, como geralmente acontece com o material reciclado que adquire sempre novas utilidades ao serem reinventadas em diversas e variadas novas formas, muitas vezes surpreendentes.

Cabe lembrar que, em seu sentido básico, a palavra impacto admite ao menos dois significados que podem ser: "encontro projetil, míssil, bomba ou torpedo, com o alvo; choque"

e / ou “impressão muito forte” (Ferreira, 2001, p. 374). A poesia de Frederico abarca esses dois sentidos que são perceptíveis no corpo, no som, na imagem do poema e nos múltiplos sentidos que ele venha despertar até no mais inocente dos leitores. Para Claudio Daniel

> A poesia de Frederico Barbosa é um antídoto à docilidade, à ficção ingênua do lirismo, tão fora de foco em meio às ruínas de qualquer certeza estável. Nascida em meio à perplexidade e à dúvida, é regida por uma dupla estratégia, uma no campo do engenho léxico e sintático, e outra na seara do pensamento: busca o impacto da forma inusual, imprevista, jogando com todos os recursos da função poética, mas sempre com uma visada crítica, não raro sarcástica e corrosiva. Seu anjo tutelar é menos um serafim da pureza vocabular que um *daimon* apaixonado pela impureza, pela mescla do erudito com o coloquial, vivificando o idioma, em vez de petrificá-lo. Sua escrita é o registro de uma paisagem de confusão e tumulto, e a violência verbal iconiza com voz enfática o presente barroco, fraturado, em que vivemos (Claudio Daniel, 2013).

A palavra - impacto nos poemas de Frederico Barbosa pode causar certo estranhamento no leitor e, muitas vezes, é bem capaz de surpreendê-lo com o jogo de sentidos que o poema permite como uma brincadeira de esconde-esconde. A busca pelo sentido pode acabar aprisionando o leitor, prendendo-o em uma rede de significados e fazendo-o acordar sempre em uma nova (re) leitura, e diante de um novo mundo ou novo horizonte:

> **a** g o r a
> a **c o r d** o
> a o **e** u
> **a b a l** o
> a r m **a d o**
> (Frederiro, 2013, p.344 – grifo meu)

Observa-se que as palavras desse poema é uma explosão de um eu-lírico que acorda abaladopelo e para o mundo das palavras, e que por isso sente-se impulsionado a acordar aquele que o lê, ao menos é o que sugere as palavras grifadas em negrito “acorde abalado”. Tal interpretação é explicável pela lei de Newton em que “toda ação gera uma reação”. Sua poesia é criação, ação, movimento, explosão, refratação e recriação a partir das moléculas de cada palavra que vagam no nada em busca do tudo. Trata-se de uma inferência minha, enquanto leitora, que constata a ideia de que o poema de Frederico Barbosa voltado para aquele que lê e tem o poder de “acordar”, no sentido de despertar, e “abalar” por meio da criatividade lírica.

Frederico Barbosa faz da palavra poética sua arma de enfrentamento para um mundo onde acorda abalado e nele vive armado. O eu-lírico assume-se como “bomba sem pacto”, ou seja, que não é movido por combinações, nem segue regras convencionais. A *ânima* que inspira e move o poeta é bomba ativada dentro de si, ou seja, é sua própria condição do fazer poético que depende sempre de uma nova explosão, de um novo impacto. É na criação lírica que o

poeta, armado e abalado, explode a sua criatividade. Logo, o estouro é certo e atinge aquele que estiver por perto, que por ventura pode ser o leitor que, distraído, e ao acaso, sente a explosão de sentidos dentro de si.

> sou bomba sem pacto
> pavio curto de cacto
> e saia de perto
> que é estouro certo
> (Frederiro, 2013, p.349)

Parece óbvio que o eu-lírico não deseja afastar o leitor de si no sentido literal, mas afastá-lo da ideia que esse pode querer buscar no criador do poema. Ou seja, ele propõe que o leitor se afaste da perspectiva do autor e crie sua própria interpretação e descubra sentidos que pode não ser compactuado com o próprio eu-lírico.

Essa escrita poética que se concebe como uma explosão de significados demonstra um cuidado especial e particular com os signos na elaboração poética. Atitude já própria da criação literária, conforme a concepção de Roman Jakobson quando explica que a linguagem literária se diferencia de qualquer outra linguagem verbal. Para o linguista, é exatamente esse trabalho linguístico que diferencia a linguagem "casual" da linguagem "não casual", intencional da linguagem poética (Jacobson, 2007, p. 120).

Nesse sentido, pensar o poema como palavra – impacto, intencionalmente mirado no leitor, remete-nos a Jacobson quando afirma que

> qualquer conduta verbal tem uma finalidade, mas os objetivos variam e a conformidade dos meios utilizados com o efeito visado é um problema que preocupa permanentemente os investigadores das diversas espécies de comunicação verbal. Existe íntima correspondência, muito mais íntima do que o supõem os críticos, entre o problema dos fenômenos lingüísticos a se expandirem no tempo e no espaço e a difusão espacial e temporal dos modelos literários (sic. Jakobson, 2007, p.120).

Ainda em relação ao trabalho com a linguagem, o cuidado com as palavras, – e também com a imagem, ou aspecto visual do poema, e com o som – é algo que salta aos olhos nos poemas Frederico Barbosa e sugeri ao leitor os mais amplos sentidos impactantes que sua obra poética não logra esgotar, pois revelam o (des) conforto que o mundo moderno causa no eu-lírico.

Trata-se de uma experiência lírica que experimenta novas formas de dizer sobre sua realidade humana existencial. O poeta, em uma atitude antropofágica, recebe as palavras que o mundo o oferece e as lança de volta mirando no leito. No entanto, antes de efetuar o lance, ele trabalha o material que chega a suas mãos, manipulando-o, criando formas e, mirando-os nos

mais inatingíveis leitores, arrisca a jogada. Correndo o risco de, por meio da palavra – impacto nem sempre atingir o alvo, podendo atingir aqueles leitores que não foram idealizados, mas que se encontravam pelo caminho ou trajeto do poema, entre o poeta e o leitor alvo.

3. A palavra - impacto na mira do leitor

A poesia do Frederico é uma grande jogada que envolve todos os sentidos. É como uma bomba criada de memórias, imagens, vozes, perfumes, sensações, gostos, até sentidos ocultos e incertos de um poeta que se arrisca ir além de si, do nada e do muito. Trata-se da explosão de um poeta que faz da poesia seu prazer, sua vida, seu risco, seu risco de vida:

> o prazer manda arriscar
> poesia coragem rara
> risco rápido na água
> cor de pau de brasa
> riso de sol no mar
> (Barbosa, 2013, p. 39)

No entanto antes de arriscar a jogada o poeta faz uma pausa, a fim de sondar os seus "aquis", filtrando na memória impressões de: tempos e lugares, idas e voltas, paisagens e miragens... Tudo desenhado com palavras em uma poesia que sugeri imagens de um mapa dos mapas de suas memórias:

> Viajar sem mapas
> Como marujo quatrocentista
> É através do túnel secreto
> Sem ciência ou luz
> O mapa é da viagem
> Simulacro e lucidez
> Viajar sem mapas
> Não é coragem loucura
> Nem ardor aventura
> É olhar sem arte
> O mapa é da viagem
> Reflexo que se prevê
> Mapa é foto antecipada
> Miragem
> do que se quer
> viagem
> (Barbosa, 2013, p. 48)

No poema o eu-lírico compartilha com o leitor a sua experiência de vida. Assim como o mapa o poema é da e sobre a viagem. Assim sendo, o leitor ao ler o poema, tal como quem percorre um mapa, participa dessa viagem proposta por um eu-lírico dividido entre o saudosismo do passado em Recife e o presente escapista em sinto(pia)nia em São Paulo, fato

esse que faz do eu-lírico um sujeito pós-moderno híbrido que acaba refletindo a visão de pernambucano paulista.

Dessas idas e vindas, no mapa e no poema da memória, surge uma poesia multicultural, que reflete os encontros e desencontros vivenciados nessas viagens. Em uma entrevista concebida a Linaldo Guedes, ao ser questionado sobre suas viagens poéticas e sobre seu regionalismo pernambucano-paulista, Frederico diz:

> Toda viagem é poética. Minhas viagens, principalmente pelo Brasil, foram motivo constante de poemas. Acima de tudo, escrevi sobre as minhas duas cidades, o Recife, onde nasci, e São Paulo, onde vivo há quase cinquenta anos. Escrever sobre a sua cidade não é regionalismo. Os escritores ditos regionalistas, como Graciliano Ramos e José Lins do Rego, ou o grande poeta pernambucano Ascenso Ferreira, são grandes não por serem regionalistas, mas por serem universais. Voltar-se para a sua realidade é condição essencial para qualquer escritor, que só se torna grande se consegue transcender esta especificidade, transformando o que é regional em algo universal. Minha poesia está diretamente ligada às vanguardas paulistas sim, mas não ignora os escritores fundamentais da minha terra: Ascenso, João Cabral, Carlos Penna Filho, Jomard Muniz de Britto, Delmo Montenegro, etc. (Barbosa, 2013)

Ou seja, a palavra poética de Frederico Barbosa reflete o multiculturalismo das imagens universais da contemporaneidade. Trata-se de uma expressão poética que traduz a plenitude excessiva do tudo, e ao mesmo tempo o vazio do sujeito pós – moderno diante do excesso em que vive. E com isso acabe criando uma nova forma poética que traduza de si para o leitor.

Assim, se por um lado, o incessante viajante pelas BRs do Brasil, e para além delas, pode, dançando em um dia de sol, escrever um poema bilíngue, o que é naturalmente viável diante da globalização em que imerge o sujeito contemporâneo. Por outro lado, o leitor ao aceitar participar da viagem poética recebe esse impacto da linguagem de um sujeito globalizado. Isso pode ocorrer na leitura de “Austinights – sete dias de Texas”, cujo trecho é citado abaixo:

> Um sol em cada esfera gera
> Sonoras feras
> Belas, balas, balelas
> E ela ainda revela:
> “There’s no ideal love, boy. Let’s dance!”
> (e eu lhe escrevi um poema)
> (Barbosa, 2013, p. 99)

Ou pode em dia de chuva, conscientemente, criar uma poesia entre parêntesis, sem som aparente, extraindo a vida, o sentido, de um poema em que dois versos sugiram os dentes afiados de um vampiro que, como que enterrasse os dois dentes no humano sugando-lhe o sangue,

perfura o poema. Com essa metáfora o poeta rompe a sintaxe, quebrando-a, e enterrando no poema a interpretação. Como podemos perceber em outro trecho do mesmo poema que foi citado acima:

> A sintaxe quebrada e ruim
> **(uma fala sem fluência ou dicção)**
> no velho verso perfurado
> **(poesia parênteses: assim, sem música...)**
> escrevendo contra o contra
> sem ceder um sim.
> Chove. Simplesmente chove.
> Uma chuva sem metáforas.
> Só água e vento sem direção.
> Aceito o convite do vampiro.
> Vamos destruir a máquina:
> enterrar aqui a interpretação.
> (Barbosa, 2013, p. 100- grifo meu)

O poeta faz de seu poema um esconderijo secreto de sentidos para onde o leitor olha e não ver, mas vai descortinando aos poucos. Em seu poema ele não busca sentidos, embora para escrevê-lo explore todos eles no ato criador de sentidos que ele mesmo, às vezes, desconhece. Deste modo, o sentido, o significado, está bem segredado no poema, cabe ao leitor encontra-lo e tal feito requer o empreendimento de um esforço intelectual para além de qualquer outro utilizado em qualquer outra leitura, de outro tipo de texto.

Ao leitor ingênuo, ostenta a ilusão de que é praticamente impossível achar o sentido no mapa poético do poeta, pois na poesia do Frederico, tal sentido o perde quem o busca, e só o captura o leitor que nela se perde e o que (se) percebe, decifrando os sentidos fragmentados do poema e do poeta, que ao escrever nele se inscreve:

> Não me busquem sentido.
> A rua fervilha aos gritos dos cowboys.
> As bestas são formigas (amigas).
> A música se espalha e confunde
> Sem direção ou ordem.
> (o acaso é o mestre do som.)
> Os olhares se caçam e se deixam.
> Perdemo-nos na 6th, na sexta rua,
> Nos 666 apocalípticos da diversão.
> Compram-se olhos verdes com Margaritas.
> A conversa é sempre a mesma e irrita.
> O dinheiro gira e gera até que gela.
> Ganha quem se perde e percebe
> (a dança é criança)
> os sentidos em fragmentação.
> (Barbosa, 2013,p. 101)

Assim, o poeta faz da poesia uma misteriosa diversão: esconde e fragmenta os sentidos, espalha e confunde o som, cria e pinta imagens em letras. No poema os sentidos estão

em forma fragmentada, cortada, rarefeita. Cabe ao leitor reuni-los como se fosse um "quebre a cabeça" buscando e juntando todos os sentidos que o poema lhe oferece.

Frederico escreve não para si, mas para o leitor. Esse é o alvo, o objetivo de alcance de suas palavras. Trata-se de um movimento de dentro para fora. Embora a escrita reflita aquilo que é jogado para dentro, para a lata do poeta.

> e s c r e v o p a r a n ã o s e r e n t e n d i d o
> p o r m i m : t o d o p o e m a q u e s e e n t e n
> d a : m e s m o m e u : é r e d u ç ã o d o p r o b
> l e m a : e s c r e v o p a r a n ã o s e r m e s m
> o m e u p r o b l e m a e n t e n d a :
> (Barbosa, 2013, p. 111)

Se o problema é a interpretação, Frederico não está preocupado com isso. O sentido do poema, não é problema para o poeta e sim para o leitor, como ele explica:

> quem tem que entender é o leitor. Este poema partiu do verso de Fernando Pessoa: "Sentir? Sinta quem lê!" Além de sentir, transfiro para o leitor a missão de entender o poema. Fazendo eco, também às palavras de Mallarmé: "Nomear um objeto equivale a suprimir os três quartos de prazer da poesia, que é feito de adivinhar pouco a pouco: sugeri-lo, eis o sonho (Barbosa In. Guedes, 2013).

No poema citado anteriormente, por exemplo, a organização das palavras sugere que entre encontrar o sentido (que é contra) no poema e o entendimento (que é nada) há um vago espaço que cabe ser preenchido pelo leitor, como quem atendesse ao sentido do verbo imperativo finalizado por dois pontos no poema "OBS.", citado acima, ou no poema "do contra", citado mais adiante. Seu poema expressa também o descontentamento: com o fazer poético "doente e débil", pela poesia que não diz nada, pela poesia do contra. O poeta mostra-se totalmente contra a poesia que simplesmente é: forma pela forma, som pelo som, imagem pela imagem. Para ele a poesia - sua forma, seu som, sua imagem – deve ser a favor da própria poesia e do sentido dela para o leitor. Como observa-se no poema "do contra", citado abaixo:

> Descontente, escrevia poesia:
> contra. O nada,
> a cada palavra sua, alargava.
> Doente, escrevia poesia:
> contra. O nada,
> cada palavra calava.
> Débil, vivia poesia:
> contra. O nada,
> cada palavra calava.
> Morreu poesia:
> contra o nada,
> velha palavra.
> (Barbosa, 2013, p.110)

“Do contra” é um poema metalinguístico que se combina, em sentido, com a “OBS.” feita pelo poeta. Nele, o estado de espírito inquietante do eu-lírico são realçado pelos adjetivos “descontente, doente, débil”, e pela regressão métrica e redução dos vazios no interior dos versos. Sugerindo uma regressão, ou morte, no (do) poema. Trata-se de um posicionamento crítico do poeta sobre quem faz poesia com sentimentos, como se insinuasse que essa forma de composição é que adoece e mata a poesia que não impacta.

Os vazios deixados nos segundos versos das três primeiras estrofes sugeram uma intersecção, ou corte no meio do verso. Procedimento que pode ser notado em vários outros poemas. Talvez, essa intersecção que persegue a poesia do Fred seja a mesma a quem Octavio Paz procura no texto “Os signos em rotação”, do livro arco e lira, quando este reflete sobre o poema, não para obter respostas, mas para expressar sobre sua crença sobre a poesia, que como diz:

> é uma crença alimentada pelo incerto e que em nada se fundamenta a não ser em sua negação. Procuro na realidade esse ponto de inserção da poesia, que é também um ponto de intersecção, centro fixo e vibrante onde se anulam e renascem sem trégua as contradições. Coração-manancial (Octavio Paz, 1982, p. 309-310).

Assim como faz o Octavio Paz, Frederico traz essa reflexão sobre seu próprio fazer poético, e com o futuro da poesia. Em seu poema “signos em rotação”, escrito em homenagem a Octávio Paz, o poeta aponta para o nascimento de uma nova expressão poética universal que germine os signos e faça nascer, ou renascer, a poesia:

> o feto poético preexiste
> - embrião, embriagado –
> um universo um
> últero mãe terra
> estranha estrela acontece
> - cadente –
> furando o ventre
> germinando signos
> (Barbosa, 2013, p.114)

Nesse poema o poeta atenta para o movimento circular que a poesia faz em torno de si mesma – sua origem, seu percurso histórico, suas leis. A poesia nasce no vazio, mas nunca do vazio, ou seja, ela nasce no tudonada. A partir do transbordamento do tudo, negado e esvaziado nas palavras e nos vazios dos versos. Ela preexiste ante de existir. O nascimento poético se dá a partir da explosão cósmica causada pela força do atrito da rotatividade ao redor do “feto”, “embrião embriagado”. Feto no sentido metafórico, sugeri palavras, matéria prima da poesia. Logo, as palavras – o feto, o embrião – não são lúcidas, são embriagadas de sentidos, no mais

auto grau de impacto. A poesia é a palavra-impacto que "furando o ventre" faz germinar os signos em rotação de onde emana o ato criativo: do nada, do universo cósmico das palavras.

Frederico Barbosa (2013) concebe o poema como uma configuração de signos, imaginando-o de forma semelhante como faz Octavio Paz: "Ao imaginar o poema como uma configuração de signos sobre um espaço animado, não penso na página do livro [...] Constelações: ideogramas. Penso em uma música nunca ouvida, música para os olhos, uma música nunca vista" (Paz, 1982, p. 330). Trata-se de uma poesia híbrida de sentidos e híbrida na forma de ser sentida. Isto é: a poesia que é música visual, e imagem musical ao mesmo tempo; a poesia que é tocada com os olhos, sentida no olhar.

O olhar do leitor sobre o poema é sempre um olhar de busca: pelo poema que preexiste, pelo sentido que nele existe. Ou como diz Octavio Paz: "Cada leitor procura algo no poema. E não é insólito que o encontre: já o trazia dentro de si" (Paz, 1982,p.29).

seus olhos buscando
brincando no meu poema
nu
poema
meu dia buscando
(no ar)
Sua leitura minha
Do seu meu poema
Meus olhos buscando
Nos seus
Um outro poema.
(Barbosa, 2013, p. 146)

Trata-se de uma poesia sobre (e de si) para o leitor, e não de si para si. Ou seja, é o poema sobre si, em busca do outro – do olhar do outro, do tato do outro, enfim, do sentir do outro. Poemas sobre a poesia, dotado de uma linguagem metalinguística seja para refletir sobre o próprio fazer poético, seja para pensar a poesia no sentido amplo. Frederico, em sua viagem poética, procura a poesia de ocasião, de momento em que ele faz da palavra a matéria prima de sua escrita e, também, sua secreta sina. Como ele, na poesia, confidencia:

minha materia
palavra prima
minha palavra
secreta sina
o que me faz
a cabeça
é a palavra
perfeita (Barbosa, 2013, p. 149)

Frederico Barbosa escreve a poesia ao acaso, como quem leva uma pedrada inesperada na cabeça. Logo, o poeta sente a pedrada, a dilui, e depois de concretizá-la em sua poesia, a lança aos seus leitores que também ao acaso as recebem:

poeta que se dilui
dá cria
diluidores mil
e cda
deu mole
diluiu-se
cedeu
com drummond, não tem pacto:
carrego comigo
só
sua pedra impacto
pra jogar na moleira
versiprosa brasil
que ele mesmo
pariu (Barbosa, 2013, p.167)

Frederico encontra, no fazer poético, a mesma pedra de Drummond no meio de seu caminho – do verso, do inverso –, quando fundou os alicerces de uma poética mais hermética na Literatura brasileira. Porém, Fred parece não compactuar totalmente com Drummond, ou seja, ele não para diante da pedra e nem tenta evitá-la, ao contrário, ele leva consigo a pedra para lançá-la na mira do leitor. Na poesia do Frederico não há "meio" termo, é:

Tudo ou todo nada,
pedra ou furo d'água,
feito cada palavra,
lança, dardo, ferida,
em cheio nada.
De nada em nada,
o se-dizer do tudo,
feito risco na água,
onda, contorno,
reflexo de nada.
Nada feito nada,
no poema
não há termo meio,
meio-amor, meia-palavra.
Do sem
sentido intenso
se faz
um tudo atento,
feito a palavra
em
cantada,
nada
feito
nada.
(Barbosa, 2013, p. 206)

As poesias do Frederico Barbosa (2013) são “escritos sem corte”, ou seja, com linguagens, sons, imagens e sentidos ilimitados: sem início e sem fim, tal como o tudo e o nada. Uma poesia cuja finalidade é a infinidade de sentidos. Embora sem corte, a poesia é um mar de recortes de tudo e nada. Um mar onde nada a vida do poeta: seu mundo interiorizado e exteriorizado, suas leituras armazenadas na biblioteca de sua memória, seus “aquis” registrados e mapeados; seus sentidos somados, multiplicados, divididos e reduzidos ao nada de cada palavra-impacto e refeita no tudo, ou todos os sentidos.

Trata-se de uma poesia que faz “Blow up” sentidos de “All or Nothing at All” nos vazios sugeridos nos poemas, criando uma espécie de concretude abstrata de significados. Uma explosão que refrata a poesia: quebrando seu som e sua imagem, rompendo com o sentido primitivo das palavras soltas como partículas no ar, mas combinadas tal como as moléculas de água em uma composição química. É evidente a referência a elementos químicos na poesia do Frederico, um exemplo é o poema “Blow up” citado abaixo:

expor a clor
que restou
ao ar
refratário
e esvaziar-se
hidratado pulveriz
sublimado
branco
(Barbosa, 2013, p. 2015)

Diante de poemas como esse, o leitor se sente convidado a refletir sobre o que se pode compreender por “propriedades químicas” da poesia, isto é, sua matéria, suas propriedades, transformações e leis que a regem. Nessa reflexão, talvez haja a química entre o poeta, poesia, e leitor. Ambos mergulhados em uma grande baía, onde cada palavra salta do dicionário, como se saltasse de uma ilha, e mergulha em um imenso oceano de significados. Nessa irônica “Baía dos inocentes” não há inocentes, pois nela, o poeta, a poesia, e o leitor não são inocentes no caso ao acaso:

[...]
II
Começa o caso com pancada.
A cabeça oscila na mira
de faca, raiva ou pedrada
que penetra lenta na fera.
A consciência cala, eclipsada.
Muda, estremece e se retira,
Extrema fibra desgarrada
do corpo caído em tensa espera.
III

O impacto veio certeiro,
de mão rápida e adestrada
nos golpes sujos que o medo
arma em trapaça ou cilada.
Penetra em tudo um cheiro
de poeira acre e estragada,
qual tapa sonoro e cheio
de raiva calma e regrada.
[...] (Barbosa, 2013, p. 240-241)

É impressionante a violência das palavras contida nos versos ou espaços que compõe cada poesia. No poema "na mira", cujo trecho foi citado acima, por exemplo, as palavras são "jogadas" como dados ou como "iscas disfarçadas em frágil acaso" no caso. O impacto das palavras é certeiro. E cada palavra lida é uma "pancada" da poesia mirada no leitor que a sente como "faca, raiva ou pedrada". Até ao tratar do amor e da fragilidade desse sentimento, o poeta consegue manusear palavras violentas com delicadeza e habilidade sem faltar com a sensibilidade. Sua lírica amorosa é a expressão mais cortante de um amor que explode nas palavras e nos sentidos, e que se se mata na falta, nos vazios, nas palavras, como em "sem você":

nenhuma metáfora
traduz a falta
nenhuma imagem
exata
faca encravada
nesse silêncio
dia sem dia
piada sem graça
acordar sem você
me mata
(Barbosa, 2013, p.265)

O enfrentamento desse tudo que é o amor, considerado o mais expressivo sentimento da humanidade, é sentido no vazio que divide os versos, sugerindo a separação amorosa. A composição lírica é sugestiva e traduz o espírito do eu-lírico de forma universal, sem individualizar e sem perder a autenticidade. Quanto a imagem visual do poema, são passíveis várias interpretações: talvez o poema sugira uma coluna fraturada com a separação das palavras nos versos. As rimas graves ou femininas são predominantes no poema, que pode sugerir o canto de um eu-lírico masculino que se sente fraturado, fragmentado, pela sua co-relação com a mulher amada e da presença dela nele. Essas imagens resultam de uma elaboração meticulosa dos signos e da forma poética, inventada no processo criativo do poeta, a fim de conduzir o leitor a sentir e perceber a falta que não se traduz em "nenhuma metáfora" e "nenhuma imagem exata", mas alcançada com êxito na lírica seca, cortante e sem graça, tal como o eu-lírico que sofre pela falta. O leitor logo irá perceber que as palavras, que compõem a lírica cortante,

desenham a imagem da falta, da ausência, e do impacto em palavras que o vazio de outrem lhe causa.

As palavras explodem na poesia do Fred. O impacto é sentido na "pele e todos os órgãos" do leitor, aguçando todos os sentidos. Uma poesia em que as palavras são sentidas ao extremo. Cada composição lírica é uma explosão íntima do poeta que se manifesta não só na expressão linguística do poema, mas, também, nas suas imagens elaboradas e seus efeitos sonoros. Pode parecer difícil compreender a singularidade, ou particularidade de cada poema contida nas imagens visuais, no tato, nos vários sentidos. No entanto, até a aparente desarmonia e desorganização sugere, sem cinismo ou hipocrisia, a realidade inquietante de um sujeito sensível ao "fardo" de sua própria existência, ou "a consciência do zero", do vazio de seu tudo:

> tenho que
> tentáculos afiados tentando
> fincar a vista futura feito
> oráculo
> não sou cego não sossego
> (Barbosa, 2013, p. 330)

Sua poesia não é feita na cegueira, ao contrário: é feita visando "fisgar" o alvo, o futuro leitor, tal como um oráculo dotado de sabedoria e poder de decisão. Isso demonstra revela uma escrita consciente do fazer poético, e que nesse fazer não tem sossego. Fred se arrisca no seu fazer poético criando dificuldade para si – sua forma de composição – e para o leitor – a quem cabe a interpretação. Ao compor sua poesia o poeta caminha por um "Labyrintho difficultoso", na trajetória e se depara com a pedra, fura-a, "olho-dá-gua", como se a pedra fosse o ventre manancial de sua criação, isto é, de onde se origina a explosão cósmica de sentidos que representa toda sua poesia.

4. Considerações finais

À guisa de conclusão, pode-se dizer que a poesia de Frederico Barbosa se enquadra harmoniosamente nessa definição onde Gilberto Teles confirma e fortalece o conceito de poesia como

> uma linguagem especial, encantatória e lúdica, abstrata na sua essência e concreta na estrutura artística do poema, destinada, além do mais, a expressar o que de certa forma escapa ao utilitarismo da linguagem comum. Uma linguagem especial e reveladora, uma linguagem esteticamente organizada e filtrada através de vários constrangimentos culturais como as regras de gramaticas, de retórica, de ética, de bom senso e de bom gosto, enfim, através de toda uma tradição que, pela audácia e pela força da originalidade dos grandes poetas, se vai enriquecendo e transformando (Teles, 2004, p. 29)

O fôlego poético da poesia do Fred revela a trajetória escolhida pelo poeta que se recusa a trilhar os lugares comuns, optando por caminhar por um "Labyrintho Difficultoso", revelando cenários desconhecidos em um fundo musical único e harmonioso.

A poesia, tanto para o poeta como para o leitor, acaba mostrando caminhos diversos, tanto para a escrita como para a leitura. Ilude-se quem crê que, nessa poesia que se arrisca na possibilidade de explorar múltiplos sentidos e diversas formas, reina a liberdade. Nela, ser livre é se aprisionar, ou caminhar por um labirinto dificultoso onde cada caminho conduz à multiplicidade de sentidos e experiências únicas de uma lírica findada no infinitivo de suas palavras. Uma poesia onde a palavra-impacto explode e transmuta em uma poética feita, rarefeita e refeita não só de palavras, mas de geografias, histórias, químicas, físicas, matemáticas e todos os sentidos entendidos e desentendidos. Uma poética vasculhada na lata do poeta e mirada na lata do leitor, que recebe cada palavra-impacto no ato de leitura.

Referências

BARBOSA, Frederico. **Na lata**: poesia reunida 1978-2013. São Paulo: Iluminuras, 2013.

BUSATO, Susanna. **Dos sentidos, sentidos**: forma que reforma dentro (Texto crítico). In. **Na Lata**: poesia reunida 1978-2013. São Paulo: Iluminuras, 2013.

D'ONOFRIO, Salvatore. **Forma e sentido do texto literário**. São Paulo: Ática, 2007.

ECO, Humberto. **Obra aberta**: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas. Coleção Debates, dirigidas por J. Guinsburg. São Paulo: Editora Perspectiva S.A.,1976.

_____. **Interpretação e superinterpretação**. Tradução MF. Revisão da tradução e texto final Monica Stahel. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Impacto. *In*. **Miniaurélio século XXI Escolar***:* o minidicionário da Língua Portuguesa. 4.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, pág. 374.

HUHNE, Leda Miranda. Arte Poética. *In*. **Poesia em revista**. Vol.3.Rio de Janeiro: UAPÊ, 2007, p.18-41.

JAUSS, H. R. A estética da recepção**:** colocações gerais. In: LIMA, L. C. (Coord., sel., notas). **A literatura e o leitor***:* textos de estética da recepção. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

JAKOBSON, Roman. Linguística e Poética. *In*. **Linguística e comunicação**. Trad. Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Editora Cultrix, 2007.

MASSAUD, Moisés. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Cultrix, 2004.

_____. **A análise literária**. 1.ed. São Paulo: Cultrix, 2008.

PAZ, Octavio. **O arco e a lira**. Trad. Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

POUND, Ezra. **A arte da poesia**. Ensaios escolhidos. Trad. Heloysa de Lima Dantas e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix; EdUSP, 1976.

TELES, Gilberto Mendonça. Poética. *In*. **Poesia atual em revista.** Rio de Janeiro: Uapê, 2004, p. 24-31.

Material da internet

DANIEL, Claudio. A poesia insubmissa de Frederico Barbosa. *In*. **Revista Cut**, 2013. Último acesso em 07-2015. Disponível em: http://revistacult.uol.com.br/home/2013/09/a-poesia-insubmissa-de-frederico-barbosa/

_____ **A poesia de Frederico Barbosa***:* poesia contemporânea brasileira. Último acesso em 07-2015. Disponível em: https://fredericobarbosa.wordpress.com/2015/04/01/entrevista-sobre-na-lata-2/

_____ **Entrevista sobre "Na lata***"*. BandNews TV. 2013. Último acesso em 07-2015. Disponível em: http://mais.uol.com.br/view/cphaa0gl2x8r/poeta-frederico-barbosa-lanca-o-livro-04028C183462E0A14326?types=A&

_____**Entrevista a Linaldo Guedes em 2013**. 2013. Último acesso em 07 – 2015. Disponível em: https://fredericobarbosa.wordpress.com/entrevistas/entrevista-a-linaldo-guedes-2013/